

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO
16 de dezembro de 2024

HARLAN COUNTY U.S.A. / 1976

Um filme de Barbara Kopple

Realização e Produção: Barbara Kopple / Montagem: Nancy Baker / Assistente de Realização: Anne Lewis / Direção de Fotografia: Kevin Keating e Hart Perry / Som: Barbara Kopple / Gestão de Produção: Marc N. Weiss / Música: David Morris / Participações: John L. Lewis, Carl Horn, Norman Yarborough, Logan Patterson, Houston Elmore, Phil Sparks, John Corcoran, John O’Leary, Donald Rasmussen, Hawley Wells Jr. W.A. ‘Tony’ Boyle, Joseph Yablonski, Ken Yablonski, Arnold Miller, Florence Reece, Bazel Collins, Studie Crusenberry, Dorothy Johnson, Mary Lou Ferguson, Harry Patrick, Mike Trbovich, Bernie Aronson, Walter Wallace, Nimrod Workman, Bassie Lou Cornett, Jerry Wynn, Bob Davis, Joe Dougher, Lois Scott, Jerry Johnson, Betty Eldridge, Ron Curtis, Bill Doan, Phyllis Boyens, E.B. Allen, Jim Thomas, Mickey Messer, Nanny Rainey, Minnie, Tom Physell, Frieda, Tommy Gergerson, Bill Worthington, Crystal Ferguson, Barry Spielberg, Polly Jones, Diane Jones, Otis King, Barbara Kopple (voz) / Cópia: Digital, cor e preto-e-branco, falado em inglês e com legendagem eletrônica em português / Duração: 103 minutos / Estreia Mundial: 15 de outubro de 1976, New York Film Festival / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

“De que lado estás? De que lado estás?”, canta uma senhora num dos vários comícios de grevistas da empresa mineira situada no Harlan, Kentucky, onde uma das greves mais longas e violentas teve início em 1973. A realizadora Barbara Kopple responderia facilmente à questão, vertida numa dessas várias músicas de combate entoadas pelos trabalhadores em luta contra péssimas condições de trabalho, responsáveis por vários casos de “black lung”, doença que provoca uma morte lenta e agonizante de alguns dos mineiros. Foi por causa de um deles que aquela senhora cantava em público, puxando pela voz algo enferrujada. A resposta de Kopple foi, desde o começo, uma só: “estou do lado dos grevistas”. E aí permanece firme, solidária com homens e, acima de tudo, mulheres corajosas enfrentando a pressão violentíssima exercida pelos detentores dos meios de produção, que se escondem por detrás de uma guarda pretoriana composta por arruaceiros ou bandidos nada recomendáveis (“thugs”). A cena, mais em modo participativo do que estritamente observacional, em que Kopple é visada pelo *bully* principal do bando, Bazel Collins, que lhe pede um documento de identificação mas este último acaba por confessar, ulteriormente, e com um sorriso no rosto, não ter ele próprio essa mesma documentação, é particularmente ilustrativa do estilo de batalha campal em curso e reveladora da índole de quem está “do outro lado”.

Kopple, nunca escondendo a influência que D. A. Pennebaker e os irmãos Maysles exerceram no seu cinema, faz desaparecer a câmara nas reuniões de trabalhadores, nos piquetes de greve, numa espécie de batalha campal, muito “corpo a corpo”, entre homens e mulheres em protesto e forças de bloqueio armadas até aos dentes e capazes do pior. Apesar da ligação “tutorial” à figura de Pennebaker (segundo a própria, um amigo e uma inspiração, alguém que, em **Dont Look Back** [2009], realizou um dos filmes mais “cool” que Kopple vira até então: “Esse e **Monterey Pop** [1968] foram dois filmes que me ajudaram a acender a minha paixão por passar a minha vida a

contar histórias verdadeiras que me entusiasma”), a maneira como Kopple diz “nós” em vez de “eles” lembra, contudo, e mais imediatamente, as investidas do japonês Shinsuke Ogawa em defesa da população de agricultores contra a expropriação dos seus terrenos pelo governo para a construção do Aeroporto Internacional de Narita, numa série de filmes realizados entre 1968 e 1977, iniciada em **Nihon Kaiho sensen: Sanrizuka no natsu** (1968). Não se trata mais de manter a câmara observante e imparcial, mas de partir para a luta junto de quem precisa de ser defendido, “cantando” a coragem dos mais fracos e oprimidos. A “raça” dos homens e, reforço, *sobretudo*, das mulheres de Harlan é a matéria humana verdadeiramente exaltante de que é feito este documentário orgulhosamente radical. Como os filmes de Ogawa e do seu coletivo, falamos aqui de um autêntico cinema de combate.

Kopple e a sua pequena mas empenhada equipa mistura imagens captadas *in loco*, a cru, onde a sensação de imersão e “mosca na parede” é inquestionável, com um levantamento de imagens de arquivo sobre um passado, manchado por abusos ou esquemas criminosos e sangrentos, durante o qual, quase invariavelmente, quem mais se sacrificava eram os trabalhadores. Em certa medida, ao engajar-se desta forma, Kopple remete o gesto documental para as raízes do documentário americano, assentes na “Escola de Nova Iorque”, de Pare Lorentz, Paul Strand, Leo Hurwitz, Willard Van Dyke, Ralph Steiner, entre outros nomes importantes do período do New Deal. Filmes como **Native Land** (1933-1941) ou **Men and Dust** (1940) (este especialmente importante por ter sido realizado por uma mulher, Lee Dick, denunciante dos efeitos das poeiras das minas de carvão do Oklahoma na saúde dos mineiros que aí trabalhavam) ressoam na história de dramáticos “avanços e recuos” na conquista de direitos por operários e mineiros norte-americanos.

Lois Scott, a líder inata que esconde uma arma no sutiã, é o *alter ego* de Kopple no palco da luta dos trabalhadores e trabalhadoras. Num período ainda quente do movimento feminista e nos excruciantes anos finais da Guerra do Vietname, Scott dava expressão a outro tipo de luta, uma “tough woman” que captura a atenção da câmara de Kopple, tornando-se a principal protagonista de **Harlan County U.S.A.**, em relação à qual se contrapõe o facínora Bazel Collins. Uma heroína imprevisível e um vilão que parece saído de um *western* fronteiriço de Peckinpah tornam a narrativa e ação dignas de um filme de Hollywood, aspeto que também terá potenciado um sucesso de crítica e até comercial algo inusitado para um documentário, tendo este sido secundado pelo Óscar de Melhor Documentário. Mais de uma década depois desta extraordinária consagração obtida logo na sua estreia como realizadora, Kopple voltaria a dar voz a trabalhadores em protesto no seu **American Dream** (1990), também premiado com o Óscar de Melhor Documentários, mas, desta feita, colocando-se ao lado dos operários da Hormel Foods Corporation, em que o resultado, se menos trágico (foi uma morte, afinal, a valer o pretendido “contrato” aos mineiros de Harlan), terá sido menos efetivo, conduzindo Kopple à questão: valeu a pena toda a luta? E, enfim, onde está e o que representa, no fundo, o tão propalado “sonho americano” para quem se encontra na base da estratificação social? Quer dizer, ainda é possível ou faz sentido sonhar-se este sonho?

Luís Mendonça